

LITERATURA INFANTIL: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO DE LEITORES



ELISÂNGELA BRITO PERIN DE AQUINO

Graduação em Pedagogia pela Faculdade FIG-UNIMESP (2012); Pós-graduada em Práticas Educativas: Criatividade, Ludicidade e Jogos pela Faculdade de Educação Paulistana - FAEP (2019); Pós-graduada em Direito Educacional pela Faculdade de Tecnologia Alpha Chanel - FATAC (2022); Professora de Educação Infantil no CEI Vereador Cantídio Nogueira Sampaio.

RESUMO

A presente pesquisa buscou verificar a contribuição da literatura infantil na formação do pré-leitor e as diversas possibilidades que o livro infantil pode oferecer. Através das referências bibliográficas, os estudos pautam-se sobre a leitura infantil, a importância da leitura em sala de aula e a importância do professor na formação de leitores. Propõe-se um estudo sobre os contos e o maravilhoso mundo dos contos de fadas. Desenvolvendo nas crianças o hábito de ler e conduzi-los à descoberta do prazer e da leitura, afinal o objetivo principal da escola é formar cidadãos capazes de viver em sociedade diversificada, onde a leitura deixou de ser uma simples prática escolar e passa a se transformar em um processo de necessidade.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura e Leitor.

INTRODUÇÃO

Ainda é possível, no mundo de hoje, que pessoas possam ter interesse pelos contos de tradição oral? Qual o significado profundo desses contos para a mente infantil? O que, afinal, sabemos sobre a influência desses contos na vida das crianças? Conhecemos o fascínio das crianças pelas histórias de fadas, príncipes e princesas, bruxas, magos, madrastas, duendes e animais que voam, falam etc. Muitas vezes, nós mesmos adultos, sentimos esse encantamento que os contos oferecem e nem sempre sabemos explicar o porquê. Aliando essas preocupações à emergência dos múltiplos valores que a literatura infantil encerra, é importante revitalizar a capacidade de fabular, mergulhar na atmosfera do fantasioso, para melhor compreender as próprias lembranças de histórias contadas, ouvidas e lidas em nossa infância. Sobretudo por acreditarmos que, recuperando o passado, compreendendo-o, é possível escrever outra história, mais conscientemente vivida e pensada.

Assim, articulando expressão oral e escrita, pensamos poder estimular os professores a per-

ceberem que o desenvolvimento da linguagem escrita na criança está na dependência direta da maior ou menor presença, em sua vida cotidiana, de práticas de leitura e escrita, e também dos modos de inserção dessa criança nas práticas discursivas orais.

Estudiosos da questão de aquisição da linguagem oral reconhecem que o processo de letramento se encontra em estreita relação com a construção social do discurso oral (sobretudo narrativo), como afirma Rojo (1998).

Considerando tais estudos, neste programa, vamos nos centrar na literatura e, mais especificamente, nas narrativas da tradição, pois sabemos que na relação adulto/criança, é grande a força do jogo de contar histórias, especialmente as histórias oriundas da tradição originalmente oral, já que estas estão presentes na vida cotidiana das crianças, seja em relatos feitos pela família, seja em relatos feitos por professoras, a partir da entrada na Educação Infantil.

A LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil começou no século XVIII. Nessa época a criança começava, efetivamente, a ser vista como criança. Antes, ela participava da vida social adulta, inclusive usufruindo da sua literatura.

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (CAGNETI, 1996 p.7)

As crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as mais pobres liam lendas e contos folclóricos (literatura de cordel), muito populares na época.

Como tudo evolui, esse tipo de literatura também evoluiu para atingir ao público infantil: os clássicos sofreram adaptações e os contos folclóricos serviram de inspiração para os contos de fadas.

No Brasil a literatura infantil deu os primeiros passos com as obras de Carlos Jansen “Contos seletos das mil e uma noites”, Figueiredo Pimente “Contos da Carochinha”, Coelho Neto, Olavo Bilac e Tales de Andrade.

Porém, o mais importante escritor infantil foi Monteiro Lobato, é com ele que se inicia, de fato, a literatura infantil no Brasil. José Bento Monteiro Lobato nasceu em 1882 em São Paulo. Sua obra consiste em contos, ensaios, romances e livros infantis. Além de escritor, Monteiro Lobato foi tradutor. É considerado, juntamente com outros escritores brasileiros, um dos maiores e mais importantes nomes da nossa literatura.

Além de Monteiro Lobato, outros escritores como Ziraldo e Ana Maria Machado também se dedicam ao público infantil. Ziraldo com “O Menino Maluquinho”, “A bonequinha de pano”, “Este mundo é uma bola”, “Uma professora muito maluquinha”. E Ana Maria Machado com “A Grande Aventura de Maria Fumaça”, “A Velhinha Maluquete”, “O Natal de Manuel”.

Apesar de tudo, a literatura infantil sofre alguns preconceitos, pois muitos escritores negam que suas obras são escritas para os pequenos. Isso nos dá a impressão de que essa literatura não é tão importante, se esquecem de que se sua obra for boa e tiver conteúdo, ela poderá influenciar crianças de uma forma positiva.

Muitas obras consideradas adultas foram adotadas pelo público infantil “As aventuras de Robson Crusóé” – de Daniel Defoe, “Viagens de Gulliver” – de Jonathan Swift e “Platero e Eu” – de Juan Ramón Jiménez, assim como muitas obras do público infantil agradam os adultos, “Sitio do Pica-Pau Amarelo”, por exemplo.

Professores, educadores e pais querem criar em seus filhos e alunos o hábito da leitura, porém, muitos adultos não têm esse hábito e usam a falta de tempo e cansaço como uma justificativa para a pouca dedicação aos livros, sem perceber que essa atitude vai tirando o interesse da criança, que no início de sua trajetória de vida via o livro como algo encantador, mágico e cheio de mistério.

Desde a década de 70, a literatura destinada ao público pré-adolescente (11 – 12 anos até a adolescência) vem sendo chamada de “Literatura Realista para Crianças”. Como o próprio nome já diz, esse tipo de literatura tem como objetivo levar a realidade da vida para as crianças abordando temas até então considerados impróprios (morte, divórcio, sexo e problemas sociais). Existe muita controvérsia a respeito desse tipo de literatura, alguns educadores alegam que esses livros são mais projetos educativos (muitos são feitos por encomenda) do que literatura.

Claro que a conscientização da realidade pode ser feita de outra forma, já que o universo infantil é repleto de magia, facilitando a transmissão das mesmas ideias sem chocar tanto. O mais importante de tudo é que as crianças conheçam todos os tipos de literatura, pois esse conhecimento irá ajudá-la a escolher a leitura que mais lhe agrada.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um “bom caso”, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa.

A narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza. Aqui, crianças bem pequenas, já demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Neste sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade.

O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nesta fase, é a história da sua vida. A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. À medida que cresce, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas.

A criança passa a interagir com as histórias, acrescentam detalhes, personagens ou lembra-

-se de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade, compreender melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. Contar e ouvir uma história aconchegado a quem se ama é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros.

Algum tempo depois, as crianças passam a se interessar por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, como: contos de fadas ou contos maravilhosos, poemas, ficção, etc. Tem nesta perspectiva, a possibilidade de envolver o real e o imaginário que de acordo com Sandroni & Machado (1998, p.15) afirmam que “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real”.

É importante contar histórias mesmo para as crianças que já sabem ler, pois segundo Abramovich (1997, p.23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”. Quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que as ouvir pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. Num mundo hoje tão cheio de tecnologias, onde as informações estão tão prontas, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, poderá no futuro, ser um indivíduo sem criticidade, pouco criativo, sem sensibilidade para compreender a sua própria realidade.

Portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que segundo Vigotsky (1992, p.128) caminham juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista.”. Neste sentido, o autor enfoca que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade.

O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os adultos imaginam. Muitos pais acreditam que a criança que não sabe ler não se interessa por livros, portanto não precisa ter contato com eles. O que se percebe é bem ao contrário. Segundo Sandroni & Machado (2000, p.12) “a criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”. As crianças bem pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as.

É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, de forma que ela tenha um contato mais íntimo com o objeto do seu interesse. A partir daí, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo fascinante, onde a fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos. De acordo com Sandroni & Machado (1998, p.16) “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente”. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura.

A LEITURA

Ler nada mais é do que sentir emoções, conhecer novos mundos, novos costumes, cores, paisagens, ou seja, viver essa nova arte que está entrando em sua vida. Para as crianças um momento muito importante na escola é quando as mesmas conseguem juntar as letrinhas e ler tudo o que está escrito.

Abramovich (1994) assevera:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano..., mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo. (1994, p.143)

A literatura, como qualquer outro tipo de arte, vai além da informação, pois é formativa e possui um valor perene, afinal a literatura tem a capacidade de criar emoções e a sensação de prazer, cria também oportunidades de encontro das pessoas consigo mesma e trabalham o imaginário.

Por isso, a responsabilidade em estimular o hábito de leitura na infância é de extrema importância, sendo algo de responsabilidade tanto da escola como também dos pais, afinal gostar de ler não é nenhum dom, mas sim um hábito que se adquire através do estímulo de seus maiores heróis que são os pais e os professores.

As crianças que criam o hábito de ler e gostam disso, consegue adquirir com maior facilidade e mais rapidamente o desenvolvimento da criatividade, senso crítico, da autoconfiança e da facilidade de captar a dinâmica do todo o mundo que o cerca. Por isso, conduzir os filhos à descoberta do prazer e da leitura depende de modo exclusivo dos pais, afinal o objetivo principal da escola é formar cidadãos capazes de viver em sociedade diversificada, adequando os alunos a diferentes situações, por isso, ter em casa bons leitores, certamente implicará em uma criança além desta concepção, afinal a leitura deixou de ser uma simples prática escolar e passou a se transformar em um processo de necessidade, por isso, deve ser iniciada pela família.

Estudos revelam que até os dois anos de idade o desenvolvimento cerebral das crianças ocorre, em um ritmo bem acelerado, assim, é possível concluir que se a inserção da leitura nesse período, além disso, a conversa, o cantar, a demonstração de carinho, a leitura para dormir, entre outros, será importante para o desenvolvimento saudável das crianças.

Os pais que estimulam a leitura em seus filhos na infância ajudam os mesmos a reconhecerem o ambiente onde vivem e também a desenvolver atitudes que conseqüentemente influenciarão durante toda a sua vida adulta, como por exemplo: confiança, compreensão, respeito mútuo e base importante para a adolescência e vida adulta. Com a leitura as crianças aprendem a se expressar de maneira certa, tanto ao falar como também ao escrever.

Além disso, é essencial um lugar calmo e tranquilo e é importante ressaltar que quem deve ter vontade de ler é a criança, a qual não deve ser pressionada pelos pais a pegar o livro e ler e as crianças possui um tempo de concentração, então, deixe o seu filho a vontade para ler a hora que

quiser e o tempo que quiser. Estimule a leitura através de perguntas sobre o que a criança aprendeu no texto e o leve em uma livraria de sua cidade e o deixe escolher o livro que mais lhe agrade, incentivando assim a leitura na infância. A literatura juvenil é um ramo da literatura dedicada a leitores entre dez e quinze anos de idade.

Descobrir, explorar, aprender... E criar novos mundos, novas realidades – o céu não é o limite para aquele que lê! Embora tenhamos informações em excesso a cada vez que “surfamos” no mundo virtual, a literatura apresenta a crianças, jovens e adultos um horizonte infinito em histórias, romances, poemas, contos, e muito mais.

Mas... o que é mesmo literatura? A palavra literatura vem do latim “litteris” que significa “letra”, que também quer dizer “escritos, cartas” e parece referir-se, primordialmente, à palavra escrita ou impressa. Em latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética. Segundo o crítico e historiador literário José Veríssimo, vários são as acepções do termo literatura: conjunto da produção intelectual humana escrita; conjunto de obras literárias; conjunto das obras sobre um dado assunto, ao que chamamos bibliografia de um assunto ou matéria; boas letras; e uma variedade de Arte, a arte literária.

Inúmeros pesquisadores têm-se empenhado em mostrar aos pais e professores a importância de se incluir o livro no dia a dia da criança. Bamberger afirma que, comparada ao cinema, ao rádio e à televisão, a leitura tem vantagens únicas. Em vez de precisar escolher entre uma variedade limitada, posta à sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre os filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher entre os melhores escritos do presente e do passado.

Lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura; interrompê-la, reler ou parar para refletir, a seu bel-prazer. Lê o que, quando, onde e como bem entender. Essa flexibilidade garante o interesse contínuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento.

Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de alfabetização. A possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra será maior quanto mais frequente for o contato da criança com o livro.

É de extrema importância para os pais e educadores discutir o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como, o ensino da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico. Assim, com relação à leitura e à literatura infantil, pais e professores devem explorar a função educacional do texto literário: ficção e poesia por meio da seleção e análise de livros infantis; do desenvolvimento do lúdico e do domínio da linguagem; do trabalho com projetos de literatura infantil em sala de aula, utilizando as histórias infantis como caminho para o ensino multidisciplinar.

Estratégias para o uso de textos infantis no aprendizado da leitura, interpretação e produção de textos também são exploradas com o intuito final de promover um ensino de qualidade, prazeroso e direcionado à criança. Somente desta forma, transformaremos o Brasil num país de leitores.

As narrativas da tradição são criações populares - feitas por autores anônimos que sobreviveram e se espalharam devido à memória e à habilidade de seus narradores que, de geração em geração, incumbiam-se de manter viva a tradição.

Segundo Darnton (1986), essas narrativas são histórias que se prendem ao imaginário popular ou à memória coletiva. Em sua origem, eram destinadas a um auditório - homens, mulheres e crianças - que não sabia ler e que se reunia à noite, ao redor de fogueiras ou lareiras, principalmente entre os camponeses da França medieval, para escutar o que viria a se tomar mais tarde, material registrado por estudiosos e folcloristas, como Charles Perrault, no século XVII, e os irmãos Grimm, no século XIX.

Com uma técnica de exposição simples, essas narrativas seguem uma sequência lógica, sem grandes pormenores, raramente abandonando a ação principal pela secundária. Era propósito do contador, prender a atenção dos ouvintes, a ponto de contagiá-los e levá-los a uma participação apreciativa durante a própria narração. Para manter a sintonia do auditório e a atenção na narrativa, o narrador usava inflexões de voz, modulações melódicas, expressões fisionômicas e gestos, realçando, assim, os pontos altos da história (Guimarães, 2001).

Fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas, contos jocosos, contos de fadas e contos maravilhosos, são estas matérias narrativas que estão na origem das literaturas modernas e que guardam um saber fundamental, como entende Nelly Novaes Coelho (1991). E são essas as mesmas narrativas que ocupam, muitas vezes, o imaginário de nossas crianças, pois vêm sendo contadas e recontadas, em casa e na escola.

Por isso, cabe aqui compreender, ainda que de forma breve, alguns desses gêneros, principalmente a fábula, o conto de fadas, o conto maravilhoso e os causos ou contos populares, uma vez que são essas as narrativas mais comumente contadas às crianças, ainda hoje.

FÁBULAS

As fábulas têm sua origem tão remota que é difícil fixá-la, mas sabemos que foi escopo, no século VI A.C., na Grécia antiga, o responsável por introduzir as fábulas na tradição escrita. Muitos séculos depois a escrita das fábulas foi retomada por diversos escritores do mundo inteiro, sendo que no século XVII, coube ao acadêmico francês Lá Fontaine, o redimensionamento e a renovação desse gênero tão antigo.

A fábula é uma narrativa curta, que apresenta, via de regra, uma moralidade ao final. Essa moralidade, em última análise, é um provérbio, uma máxima reveladora de uma visão estática de mundo, que expressa o senso comum. De modo geral, as personagens são animais que assumem comportamento humano, revelando questões relacionadas às relações éticas, políticas ou questões de comportamento.

Trabalhar com fábulas pode e deve ser um ponto de partida para a reflexão a respeito do próprio determinismo formulado acerca da sabedoria prática, questionando os padrões de com-

portamento e as relações de poder que transparecem nessas narrativas. Por esse motivo, numa pedagogia de leitura, quem trabalha com tal gênero de texto deve saber com clareza que questões como colocar para o ouvinte ou leitor diante das fábulas. Pode-se, por exemplo, estabelecer um contraponto com textos mais contemporâneos, ou mesmo estimular a produção de fábulas em que o comportamento das personagens seja alterado.

Monteiro Lobato, na primeira metade do século XX, já fazia isso. Segundo Laura Sandroni.

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão (1987, p. 60).

É um gênero que explicita modos devidos e indevidos de comportamento, atuando sobre o leitor numa perspectiva predominantemente ética, as fábulas não deixam de lhe proporcionar, no entanto, uma leitura a um só tempo, crítica e prazerosa.

CONTOS DE FADAS E CONTOS MARAVILHOSOS

Seguiremos, aqui, os estudos de Nelly Novaes Coelho (1991) sobre essas duas formas de narrativa, em que o maravilhoso e o fantástico se tornam mais visíveis e se destacam, principalmente pela divulgação que alcançaram através dos séculos. São identificadas como formas distintas, em virtude de duas atitudes humanas por elas expressas: a luta do eu, empenhado em sua realização interior profunda, no plano existencial, ou em sua realização exterior, no plano social.

No conto de fadas, transparece sempre a atitude mais voltada para a realização interior das personagens, no plano existencial. Melhor dizendo, são narrativas que, tendo ou não a presença de fadas, apresentam em seu núcleo a questão da realização essencial do herói ou da heroína, geralmente ligada a alguns ritos de passagem de uma idade para outra ou de um estado civil para outro. Daí porque guardam marcas simbólicas da puberdade e do início da atividade sexual (Machado, 2002). Há sempre provas a serem vencidas para que o herói alcance sua realização pessoal e existencial. Essa realização tanto pode se revelar no encontro do verdadeiro eu quanto na conquista da pessoa amada. Podem-se citar como exemplos: A Bela Adormecida, A Bela e a Fera, Rapunzel e Cinderela, entre outros.

No conto maravilhoso, evidencia-se o questionamento econômico e social, isto é, os problemas da sobrevivência em nível socioeconômico, ou problemas ligados à vida prática, cotidiana. Essas narrativas sem a presença de fadas, ainda que delas não se excluam elementos mágicos, maravilhosos, enfatizam aspectos materiais, sensoriais e éticos do ser humano: suas necessidades básicas (estômago, sexo e vontade de poder), suas paixões eróticas. São exemplos de conto maravilhoso: O gato de botas, os três parquinhos, Aladim e a lâmpada maravilhosa, muitos dos contos de As mil e uma noites, entre outros.

As questões que se colocam são as seguintes: como trabalhar bem os contos da tradição? Como podem professoras e professores, explorar seu conteúdo, de modo a não domesticarem as crianças, nem lhes dirigirem moralismos? Uma das alternativas consiste em proporcionar aos alunos uma trajetória de leitura, iniciando-se pelas versões originais dessas narrativas, passando

por Perrault e pelos irmãos Grimm, sem que se esqueça, obviamente de Andersen, que escreveu belíssimos contos, muitos deles inspirados no folclore dinamarquês e chegando à releitura de suas versões feitas por autores modernos e contemporâneos.

Tomando como exemplo a narrativa de Chapeuzinho Vermelho, pode-se realizar um estudo comparativo entre: Capuchinho Vermelho - Charles Perrault; Chapeuzinho Vermelho - Irmãos Grimm; Chapeuzinho Vermelho de raiva - Mario Prata; Chapeuzinho Amarelo - Chico Buarque (editado pela José Olympio); Fita verde no cabelo - Guimarães Rosa (editado pela Nova Fronteira); Lobo bobo - Ronaldo Bôscoli e Cados Lyra (música dos anos de 1960, cantada por João Gilberto).

Essa análise de várias versões para um mesmo conto possibilita observar que todo texto está vinculado aos problemas de sua época. De um lado, há aqueles que tentam impor as normas e os valores maniqueístas de uma classe dominante, de outro lado, há os que rompem essas normas e esses valores e propõem a autonomia do leitor. Os primeiros constituem um tipo de literatura que chamaríamos de conformista. Os outros configuram a literatura transgressora/ emancipacionista.

Também os contos fantásticos têm seu projeto ideológico, e cabe aos professores estarem bem-informados dos tempos e lugares, bem como das circunstâncias em que foram recolhidos ou escritos. Da mesma forma, a linguagem utilizada nos contos revela, muitas vezes, o período histórico em que se situa o texto e, ainda, o modo como o autor incorpora ao seu texto características da cultura do seu povo.

CONTOS POPULARES

O conto popular é considerado por Câmara Cascudo o nosso primeiro leite intelectual, já que através dele se expressam costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos, e se revelam a memória e a imaginação do nosso povo. Ainda para Câmara Cascudo, o que caracteriza o conto popular é a antiguidade (é preciso que o conto seja velho na memória do povo), o anonimato (o conto popular não tem marca de autoria), a divulgação e a persistência.

Os contos populares brasileiros trazem em seu bojo influências e elementos das culturas indígena, africana e européia, o que nos permite a apreensão de certas marcas e de certo caráter de brasilidade presentes nessas narrativas. Sua divulgação, num primeiro momento, sempre oral, ao se dar pelo discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social de interlocutores de outros lugares e de outros tempos, conforme Smolka (1989), criando novas condições e outras possibilidades de troca de saberes, instigando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece. A figura do contador ou contadora de histórias, importante na transmissão e na manutenção da memória coletiva, aparece em nossa literatura encarnada em personagens como a Velha Totônia, de José Lins do Rego, e Tio Barnabé e Tia Nastácia, de Monteiro Lobato. Entretanto, sabemos que a prática de narrar oralmente histórias e causos vem se perdendo na sociedade de informação, onde os mais novos aparatos tecnológicos e as mídias eletrônicas substituem os encontros das comunidades para contar e ouvir histórias.

Aprendemos que os contos primordiais têm uma estética própria, que se traduz na priorida-

de o sério. Não o sério no sentido de severo ou sisudo, mas o sério como princípio estruturante da personalidade humana, que faz lembrar tudo aquilo que denota sinceridade, sobriedade, honradez e honestidade, trabalhando com temáticas ligadas à nossa própria condição de seres humanos, com suas contradições e seus sentimentos. Sendo assim, não há por que negar a manutenção desses textos na sociedade atual. Bem trabalhadas em todos os seus aspectos, essas narrativas fantásticas podem exercer o seu fascínio tanto na mente das crianças quanto na dos adultos, concorrendo assim, com meios de comunicação mais modernos e sofisticados.

Podem ainda contribuir para a abertura de um canal profundo de diálogo, visando a consequente emancipação da personalidade dessas crianças, proporcionando-lhes conhecer melhor seus próprios sentimentos e impulsos, e na medida em que se desenvolvem como pessoas, trabalhá-los.

FORMANDO LEITORES

Quando a garotada lê bem (e compreende o que lê), tem mais chances de sucesso. Muitos professores Já descobriram isso. Trabalhar produção de textos e leitura é tarefa de todos os professores, não só dos que lecionam Língua Portuguesa. A capacidade de entender e produzir textos é fundamental em qualquer disciplina, de História até Matemática. Cada área tem textos com características específicas e não dá para deixar tudo por conta do professor de Língua Portuguesa. "Não é que agora todo mundo tem de ensinar português e cuidar da correção ortográfica", diz a consultora Maria José Nóbrega, de São Paulo. "Só o professor de cada área sabe se o texto que ele pediu está adequado em termos de vocabulário ou clareza da argumentação, por exemplo."

Segundo Fanny Abramovich

Ler para mim sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha gostosuras, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (1991, p14)

Os primeiros livros infantis foram escritos por pedagogos e professores com o intuito de estabelecer padrões comportamentais estabelecidos pela população. A escola possui o papel de incentivar e estimular a leitura e a curiosidade nos alunos, o que sabemos, diga-se de passagem, que na maioria das vezes deixa muito a desejar, não por culpa dos professores em geral, mas porque existe um cronograma a ser seguido que na maioria das vezes não dá tempo de incluir a leitura de livros clássicos, mas apenas fragmentos.

O importante é que a criança estabeleça um vínculo com a leitura e que o livro seja para ele algo prazeroso, não imposto a seguir esta a lista de alguns livros que recomendo para início da prática da leitura em sala de aula e como dica incentivo que cada aluno escolha o livro que pretende ler, a principio pela linguagem visual que o livro oferece, depois pelo conteúdo em si.

Hoje ouvimos muitas vezes os professores reclamarem do desinteresse dos alunos pela leitura. Existem vários fatores que contribuem para esse fato, por exemplo, os alunos preferem ler revistas, muitos não tem uma biblioteca em casa, outros preferem cinema, televisão e rádio, isso sem contar com outras atividades tão frequentes hoje em dia como sair para jogar futebol com os

amigos ou jogar videogame.

Com todas estas atividades, os livros acabam ficando esquecidos ou são usados somente se a pessoa não tiver nenhuma outra atividade em mente.

CONTOS: REPETIR PARA ELABORAR

A repetição significativa é a simbolização de uma presença-ausência que articulada à palavra faz com que a relação mãe-bebê passe a ser mediada pela linguagem. Apesar da criança repetir inúmeras vezes a primeira ação, foi a segunda, considerada como fonte de prazer, que chamou a atenção de Freud.

Não há dúvidas quanto às relações que a Psicanálise estabelece com a Arte e em especial com a Literatura. Neste ponto, torna-se importante refletir sobre os aspectos da teoria psicanalítica acerca da Literatura infantil, tomando como base as seguintes questões: Qual o valor terapêutico dos contos para a criança em análise? Qual a função dos contos para o desenvolvimento psíquico do sujeito?

Quando uma criança nasce inicia o seu ciclo de aprendizagem, desde os primeiros dias ela aprende que para satisfazer suas necessidades necessita comunicar-se primeiro com choro e gritos, depois com gestos e palavras e, por fim, com ações muitas vezes inconscientes.

A capacidade de simbolizar nasce com o ser humano e estrutura-se a partir de dois movimentos: conhecer o objeto e perder o objeto. Desde o nascimento a criança passa por momentos de perdas importantes: as castrações (umbilical, do desmame, a fálica). Estes processos vivenciados até os cinco anos são importantes para a formação semiótica e permitem a criança simbolizar o mundo.

Assim, a criação literária, para Freud seria semelhante ao brincar infantil por sua tentativa de reajustar o mundo. A criança, em seu brincar, se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo de fantasia que é levado a sério, “no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade.” (1908).

De acordo com Freud, o que preserva a relação entre o brincar infantil e a criação poética é a linguagem. O principal axioma de Lacan (1985) é: “o Inconsciente é estruturado como linguagem”, ou seja, somos estruturados a partir da fala e da linguagem. Disso decorre que estamos sujeitos ao efeito do inconsciente, uma vez inseridos no mundo da linguagem, lidamos todo o tempo com palavras, com imagens e com símbolos que se articulam continuamente. Portanto, o sujeito da psicanálise é o sujeito do inconsciente enquanto manifestação única e singular.

Na leitura das obras de Freud observar-se que, a ideia de uma tendência à repetição sofre modificações teóricas no seu percurso, tornando-se um conceito de grande importância para a Psicanálise. Apesar de, o termo compulsão ter sido documentado numa carta ao médico alemão Wilhelm Fliess em 1894, o conceito de compulsão à repetição aparece pela primeira vez na obra freudiana em Recordar, repetir e elaborar escrita em 1914 (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Tanto na criança como no adulto, se o inconsciente é recalçado e nega-lhe passagem à consciência, a mente consciente do sujeito sofrerá intervenções de derivados desses elementos inconscientes, que tentarão a todo custo se tornar conscientes. Os contos de fadas escondem as questões inconscientes. Nesse sentido, o conto de fadas permite que a criança entre em contato com estes conteúdos que nem sempre são tocados por outras atividades.

Os contos de fadas apresentam “uma variação sobre o mesmo tema: o ser humano se buscando e buscando o sentido de sua vida” (BONAVENTURE, 2003). Portanto os contos não relatam apenas histórias imaginárias, mas algo que se refere a nós mesmos. Assim, a criança é capaz de reconhecer qual história é significativa para sua necessidade momentânea e também é capaz de perceber onde a história lhe fornece uma forma de poder enfrentar e resolver um conflito interno. De acordo com Bettelheim, só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a história fornecem-lhe o significado mais pessoal e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem. (1980).

Por esta razão a criança pede para ouvir a mesma história diversas vezes. A criança volta ao mesmo conto para ampliar seu significado ou substituí-lo por novos. Caso a história não seja repetida ou não for dado um tempo para a criança poder apreendê-la, algo ficará perdido. Isto explica por que um conto pode ser favorito em um momento da infância, e depois de um tempo não ser tão apreciado. Quando a criança passa a querer ouvir outro conto, significa que ela já acomodou a mensagem trazida por ele e que este já cumpriu a sua função de ensinar.

OS CONTOS DE FADAS, SONHOS E FANTASIAS

No universo infantil, as fantasias revelam-se através dos sonhos, das brincadeiras, da música, da arte, bem como através dos contos de fadas. A obra freudiana mostra que os contos de fadas são similares aos sonhos e fantasias com uma linguagem simbólica idêntica. Segundo Bettelheim (1980) há diferenças bem significativas entre os sonhos e os contos de fadas.

Os sonhos resultam de pressões internas, que não encontram alívio, de problemas que bloqueiam o sujeito, para as quais ele não conhece nenhuma solução. Nos sonhos não é possível o sujeito controlar os eventos oníricos, embora a censura interna influencie o que podemos sonhar, este controle ocorre no nível inconsciente e assim, o sujeito consegue satisfazer seus desejos de maneira disfarçada.

Portanto, a utilização dos contos é mais eficiente, uma vez que eles têm como função expor pela criança as suas fantasias que na maioria das vezes causam insegurança e medo. A criança ao falar dos personagens, pode falar abertamente de seus medos, desejos e fantasias, pois não está falando de si, não é a sua fala, mas a dos personagens.

Dessa forma, a literatura infantil é de grande valia na clínica psicanalítica com crianças. Ouvir / ler contos de fadas pode ser considerada uma atividade simbólica e terapêutica em análise com

crianças, pois servem como instrumentos mediadores entre o inconsciente e o consciente que favorecem os processos de autoconhecimento e de transformação pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é algo fundamental na formação humana, pois através dela a criança resolve conflitos, faz descobertas, compreende o mundo, adquire novos conhecimentos e se diverte, além de muitos outros fatores que contribuem para o seu desenvolvimento emocional, intelectual e social. Diante disto, podemos dizer o quanto é importante formar leitores, pois na sociedade em que vivemos hoje, ler torna-se cada vez mais imprescindível para vida social.

As diversas propostas de atividades desenvolvidas na sala de aula contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento da oralidade na criança nos momentos em que as mesmas realizavam a leitura das imagens e as nomeavam. As crianças sozinhas buscavam o gênero literário de sua preferência e o que lhes pareciam mais atrativos, com esse processo, foi desenvolvida a autonomia dos iniciantes da leitura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil, Gostosura e Bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ARRUDA, J.J. de; PILLETTI, N. **Toda a história: história geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BONAVENTURE, J. **O que conta o conto?** São Paulo: Paulus, 2003.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura Infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje** – São Paulo: Quíron, 1981.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Art-med Editora, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999

JORGE, M.A.C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MACHADO, Maria Clara. **A literatura deve dar prazer**. Revista Nova Escola, São Paulo, n.73, p. 45-48, abr. 2001

SANDRONI, C. Laura; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1998.

STRÔNGOLI, Maria Thereza. **Quem conta um conto aumenta um ponto... na motivação do aluno para a leitura**. In: **Leitura: teoria e prática: revista semestral da ALB**, Campinas, ano 9, n. 15, junho de 1990.

SMOLKA, B. Luíza Ana. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre – RS: Mercado Aberto, 1989.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.